

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A Falácia do empreendedorismo no enfrentamento da crise contemporânea no mundo do trabalho

Maria de Fátima Pereira Lessa¹, Ivone Maria Ferreira²

RESUMO

Este artigo aborda um discurso consensual que vem ganhando força nas últimas décadas, aquele que prega o empreendedorismo individual como solução para o desemprego estrutural e o caminho para enfrentar a “crise”. Os porta vozes desse discurso falacioso, defendem reais possibilidades dessa modalidade de geração de renda, ter poder de levar o Brasil da barbárie à civilização. Em nenhum momento o sistema capitalista é questionado. Apesar das lacunas do suporte empírico, busca-se refletir o agravamento da barbárie capitalista e a cilada do individualismo, presentes na cartilha do capitalismo neoliberal, capaz de angariar os atores necessários à formação dos lucros, através do estar empreendedor/a.

Palavras-chave: empreendedorismo; trabalho; neoliberalismo

ABSTRACT

This article addresses a consensual discourse that has been gaining strength in recent decades, one that preaches individual entrepreneurship as a solution to structural unemployment and the way to face the “crisis”. The spokesmen of this fallacious discourse defend the real possibilities of this type of income generation, having the power to take Brazil from barbarism to civilization. At no time is the capitalist system questioned. Despite the gaps in the empirical support, it seeks to reflect the worsening of capitalist barbarism and the trap of individualism, present in the neoliberal capitalism primer, capable of raising the necessary actors for the formation of profits, through being entrepreneurial.

Keywords: entrepreneurship; work; neoliberalism

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o modo de produção capitalista vem mostrando uma de suas faces mais perversas representada pela aceleração do desemprego estrutural em que uma maioria de “expropriados latentes”, produto da flexibilização das leis trabalhistas e da redução do papel do Estado no atendimento às multifacetadas expressões da questão social. A esse cenário, soma-se o fortalecimento da direita

¹Jornalista e Mestra em Política Social pela Universidade Federal de Mato Grosso, pelo Programa de Pós-Graduação em Política Social.fatimalessa5@hotmail.com

² Professora aposentada, do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso. silvaivone2504@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

no mundo: uma ascensão jamais vista no Brasil desde o golpe militar de 1964, expressa no governo de Jair Messias Bolsonaro.

Concomitantemente, assistimos à consolidação do empreendedorismo individual, exaltado por governos de espectros ideológicos distintos, por entidades de classe, movimentos sociais e sindicais, como alternativa para o desemprego porque possibilita a geração de empregos, ao mesmo tempo, contribui para o crescimento econômico.

A relevância desse tema, no momento atual, relaciona-se ao crescente poder que o capital utiliza para manipular, enganar e auxiliar os seus detentores e garantir, cada vez mais, seus interesses individuais em detrimento dos interesses públicos ou coletivos estabelecidos no pós-Guerra (GUILHON; PEREIRA, 2002, p.104). Um poder evidenciado através de narrativas midiáticas que como “poderosos fios de uma trama mais ampla”, (SALGADO e BAKKER, 2017, p. 590) têm a capacidade de incutir, manter relações de poder e dominação, “influenciando no rumo das práticas sociais e das subjetividades individuais”.

Nesse contexto, torna necessário estudar e debater sobre o empreendedorismo individual a fim de entendermos as estratégias do projeto neoliberal, na qual a desregulamentação do trabalho, a perda de direitos sociais é um "modus operandi" das corporações. Enfim, uma temática que não pode ser entendida isoladamente dos processos de reestruturação do capitalismo.

Isto posto, o artigo traz como tema central uma reflexão acerca da narrativa construída em defesa do empreendedorismo individual que em tempos de crise se propõe como alternativa para o desemprego estrutural, situando-o no âmbito da reestruturação da produção e da precarização do trabalho. Na verdade, produto de um sistema de valorização da riqueza das corporações financeira globais e de descrédito das instituições, dos partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais.

Um cenário no qual os trabalhadores são, paulatinamente, destituídos de suas conquistas, em que até mesmo as organizações trabalhistas tradicionais como sindicatos e associações profissionais, enfrentam um desafio hercúleo na luta pela

PROMOÇÃO



APOIO



hegemonia, no sentido da formação da consciência de classe, estratégia pela qual visam contribuir na formação de uma nova sociabilidade.

Dessa forma, o artigo aqui apresentado está organizado de modo a discutir duas partes de uma mesma realidade: um Brasil empreendedor e um conjunto de trabalhadores desempregados que seguem o caminho, muitas vezes, glamourizado pelas notícias, através das mídias e as *big techs* enquanto ferramentas de manutenção de poder. Não é pretensão contemplar a totalidade do problema, mas contribuir com a necessária reflexão científica sobre o “mito do empreendedorismo” e os desafios para a emancipação humana.

Para a materialização do estudo recorreremos a revisão bibliográfica e documental e levantamento de dados, finalizado com considerações sobre a rebelião dos entregadores delivery em 2020, que expuseram a falácia do empreendedorismo quando conseguiram, mobilizar entregadores de norte a sul do país. Um movimento que visou romper com as condições de exploração econômica e a humilhação social a que são submetidos, quase diariamente, pelos empresários do setor e pelos consumidores. *O mesmo cara que reclama do chute no retrovisor é o que me xinga quando a pizza chega fria*”, disse Afrânio³, 32 anos como motoboy e 51 de vida.

2. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E EXPANSÃO CAPITALISTA

A precarização do trabalho é inerente ao surgimento do capitalismo, entretanto, torna-se potente a partir da segunda metade do século XX, especificamente, no fim dos “anos dourados” na década de 1970, mediante o desencadeamento da terceira revolução industrial, período quando aconteceram grandes transformações tanto objetivas, quanto subjetivas no chamado “novo mundo do trabalho” (Antunes, 1995, s/p)

³Entrevista <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-essencia-rebelde-do-breque-dos-apps/>

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Para autores como Rosanvallon (1995) em que os problemas sociais decorrentes da revolução informacional são decorrentes do fim do contrato social estabelecido na revolução industrial inglesa, do século XIX, ocasionando novas formas de pobreza, mediante o desemprego estrutural. Na mesma direção Castel (1995) demarca o surgimento de “uma nova questão social”, debate controverso no campo marxista, dado que a compreensão e aquela que entende a questão social e suas variadas expressões como produto das relações sociais capitalistas. Mesmo assim, vale destacar sua principal contribuição: mostrar que em tempos históricos distintos a pobreza e vulnerabilidade social de reproduzem e se metamorfoseiam tento em vista a existência da razão estrutural que permanece, uma sociedade que desfilia e desagrega: os vagabundos da revolução industrial inglesa, são os inempregáveis de hoje. Portanto, não se trata de uma nova questão social, mas de sua reatualização nas diferentes fases de expansão do capitalismo.

Foi um período caracterizado pela crise do modelo de reestruturação do capital, o da acumulação flexível⁴. Uma reestruturação que tornou mais difícil a relação capital-trabalho, fragilizando ainda mais o trabalhador e aperfeiçoando o controle do trabalho pela classe dominante, “enfraquecendo sobremaneira os trabalhadores na perspectiva de classe social” (ANTUNES, 1998; HARVEY, 1998).

Desse modo, no contexto de crise estrutural acontece a ampliação das formas de trabalho humilhantes, “a cada dia vemos mais e mais exemplos de trabalho escravo e trabalho precarizado”, pontua Antunes (1998) acrescentando que o novo padrão de acumulação trouxe resultados negativos: a redução dos postos de trabalho, o aumento do desemprego e a elevação do grau de exploração sobre o trabalhador. Assim, com medo do desemprego, a classe trabalhadora sente-se obrigada a sucessivos contratos temporários, sem estabilidade, sem registro em carteira, trabalhando dentro ou fora do espaço produtivo das empresas, quando não

⁴De acordo com Harvey (1992), o regime flexível foi a resposta da classe capitalista e dos governos dos países centrais, à crise de superacumulação provocada pela ruptura com o modelo de desenvolvimento do capitalismo no pós-guerra. Nesse novo regime, o capital retoma sua margem de manobra e seu controle sobre o mercado de trabalho e tem como estratégia principal a “precarização” das relações trabalhistas. (, p.117) apud Musse (2014).

PROMOÇÃO



APOIO





na condição de desempregados (ANTUNES apud DRUCK, 2014; p.16). Portanto, é nesse contexto de crise que o capital lança para os trabalhadores discursos de oportunidade de negócio, de independência financeira, de sucesso individual. “O capital passa a redesenhar mecanismos de exploração do trabalho, tornando-o cada vez mais precarizado (Antunes, 2009 apud Oliveira, 2016). Tudo isso para gerar a ideia, de que o mercado de trabalho será mais produtivo, respaldando, dessa maneira, as novas formas de exploração com base no discurso da flexibilidade, pontua Oliveira. (2016).

2.1. O empreendedorismo como resposta à reestruturação produtiva

No Brasil, esse processo se fortalece no início dos anos 1990, como resultados da integração do país ao mercado globalizado, no estágio de acumulação flexível do capital, pontua Harvey (1992). Ainda segundo Harvey (id.) as primeiras manifestações da mundialização do capital que se estendem e aprofundam-se até os dias de hoje, culminam com a implantação do projeto neoliberal. Ainda que essa ideia chegue nos anos de 1990, somente nas décadas seguintes que a prática empreendedora se torna fortemente divulgada e incentivada nos programas de TV, rádios, sites, jornais e revistas, numa intensa campanha em prol das vantagens de ser um/a empreendedor/a.

Na nossa compreensão, o empreendedorismo representa tão somente uma saída individualizada para problemas estruturais, em que o crescimento desse seguimento, representado pelo “absoluto sucesso profissional”, nos noticiários nacional e local, (incluindo-se aí o Sistema S e também o Sebrae⁵) significam, na prática, uma alternativa ilusória de geração de renda e emprego como estratégia de sobrevivência de altas camadas de desempregados, no âmbito de uma sociedade

⁵ O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas é uma entidade privada brasileira de serviço social, sem fins lucrativos, criada em 5 de julho de 1972, que objetiva a capacitação e a promoção do desenvolvimento econômico e competitividade de micro e pequenas empresas, estimulando o empreendedorismo no país. Acessado no link <<https://sebrae.com.br>>

movida historicamente pelo trabalho explorado e alienado. Mais uma forma subjetiva de alienação e exploração.

Senão vejamos: dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)⁶, revelam que o número de desempregados/as no primeiro semestre de 2022 já representava cerca de 12 milhões de pessoas. Esse cenário contribuiu para o aumento dos empregos informais⁷, que acabam se tornando a principal fonte de renda dessa parcela da população. Em 2022, o órgão considerou que 38 milhões de brasileiros são trabalhadores/as informais. Naquele ano, o estudo “Retratos do Trabalho Informal no Brasil: desafios e caminhos de solução” divulgado pela Fundação Arymax e a B3 Social, revelou que 19,6 milhões de brasileiros sobrevivem de “bicos”, cerca de 60% do universo de 38,5 milhões de trabalhadores informais existentes no país.

Nesse quadro de miséria e vulnerabilidade, o empreendedorismo individual, como uma espécie de dogma das políticas neoliberais, é exaltado por governos, entidades de classe, movimentos sociais e sindicais e organizações não governamentais como a alternativa para o desemprego, para a geração de emprego e para o crescimento econômico nos dias atuais e para o empoderamento de homens e mulheres desalentados.

Os números são reveladores dessa tendência. O relatório da Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2022⁸, realizado pelo Sebrae e pela Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anegepe), mostrou que 67% da população brasileira adulta está envolvida com empreendedorismo, seja porque já tem um negócio, está fazendo algo para ter ou

⁶<https://ibge.gov.br/>

⁷<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/informalidade-volta-a-crescer-e-ajuda-a-derrubar-renda-no-pais-aponta-ibge/>

⁸Mais de 93 milhões de brasileiros estão envolvidos com o empreendedorismo. Disponibilizado em: <<https://agenciasebrae.com.br/modelos-de-negocio/mais-de-93-milhoes-de-brasileiros-estao-envolvidos-com-o-empreendedorismo/#:~:text=Esse%20universo%20de%2051%20mil%C3%B5es.de%20pessoas%20na%20mesma%20situa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: <maio de 2023>.

deseja começar a empreender nos próximos três anos. Em números absolutos, isso significa que 93 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos, sendo 42 milhões para empreendedores/as e os outros 51 milhões para potenciais empreendedores/as.

O sistema capitalista sabe, destacou Antunes (2019) que ele está criando bolsões de desempregados e aí faz surgir uma “palavra que é tão mágica quanto mistificadora”, o empreendedorismo. Atualmente, a Uber emprega no Brasil, ou melhor, ela conecta hoje no Brasil um número próximo a 700 mil trabalhadores. Existe uma massa de desempregados e é preciso “criar fetiches e os mitos: o empreendedorismo é o elixir do mundo desprovido de sentido”.

O empreendedorismo é muito ideológico. Porque incentiva o trabalhador que não tem nada, ou a trabalhadora que não tem nada a ideia de ser patrão ou patroa de si próprio e ganhar dinheiro que tira da condição de assalariado que ele sabe que é ruim e que nem essa ele tem mais (ANTUNES, 2019)

Conforme o mesmo autor, o empreendedorismo é um mito, porque o empreendedor/a acredita que “é o empresário/a de si próprio/a, entretanto, também é o proletário/a de si próprio/a”. Para exemplificar, vamos usar uma adaptação livre do professor Ricardo⁹ de uma ideia do Marx, ao falar do trabalho pago por peça.

Podemos pensar que o Uber é proprietário do meio de produção? Não! O motorista de Uber é dono do instrumento de trabalho, o que é bem diferente de ser dono do meio de produção. Meio de produção é riqueza, quem controla os meios de produção são os bancos, a indústria, a agroindústria, a grande agricultura e os grandes serviços.

Há mais de dois séculos Marx e Engels falavam da existência desses bolsões de pobreza e miséria criados pelo capitalismo. E para remediar os males sociais, eles já falavam que uma parte da burguesia procuraria abrandá-los com o propósito de “consolidar a sociedade burguesa”. Na página 64 do Manifesto Comunista, eles enumeram quem integra essa categoria: os economistas, os filantropos, os humanitários, os que se ocupam em melhorar a sorte da classe operária, os

⁹Entrevista concedida pelo Professor Dr. Ricardo Antunes (UNICAMP - Campinas-sp), ao Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho - LIST, acerca do tema Trabalho, Política e Ação. Disponibilizada em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/NNSHcHCCXjksyLWJVVFswH/?lang=pt#>> Acesso em <maio de 2023>.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



organizadores de beneficências, os protetores dos animais, os fundadores das sociedades de temperança, enfim, os reformadores de gabinete de toda categoria.

Querem a sociedade atual, mas eliminando os elementos que a revolucionam e a dissolvem. Querem a burguesia sem o proletariado. Como é natural, a burguesia concebe o mundo em que domina como o melhor dos mundos. O socialismo burguês elabora em um sistema mais ou menos completo essa concepção consoladora. Quando convida o proletariado a realizar esses sistemas e entrar na nova Jerusalém, no fundo o que pretende é introduzi-lo a manter-se na sociedade atual, desembaraçando-se, porém, do ódio que ele nutre contra ela". (Manifesto Comunista, 21 de fevereiro de 1848, p.64).

. Embora escrito no século XIX, o Manifesto Comunista nunca esteve tão atual. Os burgueses da época como os de agora querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que dela decorrem fatalmente.

Para consolidar seu discurso ideológico, o sistema abusa no uso dos seus meios ideológicos¹⁰ e a mídia cumpre um papel fundamental nesse movimento. De um jeito bem astuto, “ela pega, por exemplo, 100 empreendedores/as, 90 quebraram a cara, se arreentaram, mas ela só mostra os dez bem-sucedidos” (Antunes, 2019). Para Virgínia Fontes¹¹ (2009, p. 21) a grande mídia conserva “[...] a função social de consolidar a coesão do conjunto da classe dominante, assim como assegurar a adesão dos subalternos”.

O discurso midiático é para que o/a trabalhador/a desempregado/a ou não, transforme-se em um empreendedor/a. O empreendedorismo desobriga o Estado das suas políticas públicas, do seguro-desemprego, de um mínimo de dignidade para a população (ANTUNES, 2019, s/p). É uma política individualista, onde o sujeito busca resolver seu problema na sua garagem e\ou no fundo do seu quintal. Como estratégia neoliberal, é uma prática que delega ao/a trabalhador/a o compromisso de intervenção nas expressões da questão social, de maneira enganadora, já que é a “expressão plena de uma política de abandono completo da classe trabalhadora, no Brasil” e de interesse do sistema capitalista. (Ibidem).

¹⁰Buscam manter a classe dominante no poder não pelo uso da força, mas pelo uso de narrativas ideológicas.

¹¹Fontes é docente da pós-graduação em história da UFF, pesquisadora do CNPq e docente da Escola Nacional Florestan Fernandes/MST.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Convém refletir que o capitalismo é um sistema totalizante e totalitário e “derrotá-lo não é um empreendimento fácil” enfatiza o mesmo Antunes (2019). Como pensar em emancipação humana numa sociedade contemporânea de valorização da riqueza e de rebeliões anti-institucionais? Para o sociólogo, é preciso “repensar o mundo” e a repensar como usar as ferramentas do mundo do trabalho: sindicatos, partidos e movimentos sociais. Os sindicatos estão sendo obrigados a se repensar nessa cadeia produtiva, os partidos do século XXI não conseguem exercer o papel que exerceram no século XX.

o desafio maior é que temos uma sociedade inconcertável. Nós temos que reconstruir um modo de vida em que a questão do trabalho seja garantidora de direito e dignidade. Então nós temos que pensar uma nova sociedade, onde o modo de vida recupere o trabalho como valor e não como uma mercadoria que cria mais valia. (ANTUNES,2019)

Assim, ao contrário do que se estabeleceu, principalmente na última década, como discurso de consenso, de que mudar o mundo parte de ações individuais, com empreendedorismo social e novas ideias, onde o indivíduo assume às vezes do Estado e promove ações pontuais, Antunes (s/p2019) destaca que a emancipação humana não parte de ações individuais, das cabeças de intelectuais, mas das lutas sociais e não pode ter intermediários, seja ela a religião, o Estado ou o patrão.

Para um conjunto de analistas, o contexto que se apresenta nos últimos anos nada mais é do que o aperfeiçoamento do neoliberalismo. As plataformas digitais aproveitaram o cenário do alto índice de desemprego, de fechamento de postos de trabalho, combinado com o enfraquecimento do Ministério do Trabalho, da Justiça do Trabalho, debilitação dos sindicatos, do Ministério Público do Trabalho e da Auditoria Fiscal do Trabalho- e se apresentaram como um modelo de negócio pautado no uso das novas tecnologias que mediam a relação entre o consumidor /e o empreendedor/a da sua própria força de trabalho. Começa o fortalecimento da precificação do trabalho pelas plataformas digitais.

Em junho de 2020 durante a pandemia da Covid- 19, o/as trabalhadores/as, os entregadores/as por aplicativos, os/as motoboys, revoltados/as com a

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



hiperexploração, alcançaram um feito histórico e realizaram com um grande protesto no país denominado “Breque dos Apps”.

3. AS BRECHAS PARA A REBELDIA - O GRITO EMANCIPATÓRIO, MARCHAS ANTIFASCISTA

Organizada por lideranças vindas da categoria dos/as entregadores/as motoboys, o “Breque dos Apps” foi a primeira revolta contra “o sistema que os/as explora, aprisiona e humilha, abrindo assim, caminho para nova pauta antissistema, na era do “capitalismo de plataformas” — e de bicos” (Cardoso & Almeida, 2020).

Foi uma manifestação que desnudou o mito do empreendedorismo e expôs a falácia do empreendedorismo. Em São Paulo, o Movimento Antifascista¹² foi liderado por Paulo Lima, o Galo; no Distrito Federal aconteceu o Breque dos Apps sob organização da liderança sindical Alessandro Sorriso. Naquele período ocorreram manifestações de rua em cidades como São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Salvador, Recife e Cuiabá. O movimento não conseguiu paralisar 100% o serviço de entrega das empresas de delivery como Uber, iFood, Loggi e Rappi, mas obteve vitórias significativas: saíram da invisibilidade e causando impacto econômico e político nessas empresas que, diga-se de passagem, são internacionalizadas fruto de uma tendência mundial do mercado de trabalho, a da *uberização*¹³.

O início da mobilização e organização dos/as entregadores/as não foi fácil, reconhecem as principais lideranças. Em São Paulo, Lima tentou falar com os/as motoboys, entregadores/as e não foi ouvido, “eles me mandavam ir para Cuba”. Ele foi atrás dos/os entregadores/as de bicicletas, ninguém lhe mandou para Cuba. Atualmente, o Movimento Antifascista está em onze estados.

Tentava falar com os motoboys, mas eles se sentiam empreendedores. Não me ouviam. Se você é trabalhador igual a eu e sua mente foi

¹²Busca combater a precarização da categoria.

¹³A uberização do trabalho é definida como um **novo modelo de trabalho**, que, na teoria, se coloca como mais flexível, no qual o profissional presta serviços conforme a demanda e sem que haja vínculo empregatício. Surgiu com o crescimento do modelo de negócio de plataforma. O que a uberização consolida é o sonho da redução do trabalhador a força de trabalho (Abílio, 2020)

PROMOÇÃO



APOIO





manipulada ao ponto que se não se enxerga mais como trabalhador, eu não tenho problema com você, tenho problemas com quem fez isso na sua cabeça. (Lima,2021).

Na sua opinião, o sistema quer falar que “você é empreendedor para te explorar mais. Eles não estão no ramo do *delivery*, eles estão no ramo da exploração. Nós não somos empreendedor porra nenhuma, nós somos força de trabalho”, afirma, acrescentando que as empresas de aplicativos “seduz os trabalhadores com a ideia mentirosa do empreendedorismo e da liberdade de se trabalhar sem patrão”. (Lima, 2021).

O Movimento Entregadores Antifascistas quer ir além das denúncias da hiperexploração do Capitalismo de Plataforma. Eles querem “pensar e propor formas solidárias e pós-capitalistas de organização”, pontua Lima (2021) acrescentando que a luta antiuberização “não existe se não for anticapitalista – assim como a antirracista e antimachista. Na verdade, eu não acredito em nenhuma luta que não seja anticapitalista”.

Em entrevista, Sorriso que é liderança dos entregadores no Distrito Federal, disse que a grande precarização do trabalho no setor foi a motivação para a paralisação nacional. Ele salienta que “a exploração do trabalho pelo capital faz a identidade entre os trabalhadores por seus sofrimentos”.

Afirma, ainda que a solidariedade foi estrutural na organização coletiva e nacional do movimento, mas o “sofrimento comum” foi sua força motriz:

Parece enganar-se quem reduz a organização sindical a um modelo ultrapassado do “chão da fábrica” fordista. A flexibilização do trabalho, a fragmentação produtiva, a rotatividade, a terceirização e a perda de direitos são dificuldades que intensificam o mal presente na origem, mas afloraram o que está na essência: quando não há direito do trabalho assegurado pelo Estado, o capital se apropria do trabalho, o explora ao máximo e, depois, o descarta.

3 CONCLUSÃO

Essa reflexão, muito mais complexa do que é possível demonstrar nos limites desse espaço, demonstra como setores significativos da população são jogados na

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



invisibilidade que advém, ora da inutilidade ou precariedade a que foram condenados pelo processo de reestruturação produtiva, ora da desresponsabilização do Estado para com todos e todas.

Antunes, referência central desse debate, salienta que no capitalismo do século XXI o mundo do trabalho retorna a um nível de exploração que mais se assemelha ao capitalismo da acumulação alternativa. A Uber é, na opinião do sociólogo, uma das maiores empresas que se funda na extração da mais-valia. Os desafios e tendências para os processos de resistência e emancipação humana são muitos. Entretanto estudos apontam que “os momentos de crise são trágicos, mas são esses momentos que geram também as respostas” (Antunes,2019). Ao longo da história aconteceram experiência burguesas que foram derrotadas.

Afirma o autor que o mundo do trabalho dispõe de três ferramentas importantes: os sindicatos, o partido e os movimentos sociais. Agora, todas essas ferramentas têm que ser inteiramente reconcebidas. Então, nós estamos obrigados a repensar o mundo. Como é que nós vamos fazer isso? A partir das lutas sociais e não a partir das cabeças de intelectuais. Uma dessas lutas aconteceu em 2020 com a mobilização dos entregadores delivery. Precisamos rever o caminho, escreveu o Paulo “Galo” Lima, em entrevista ao Outras Palavra (2021).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho - Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**.pdf . 11ªedição. Cortez Editora. Campinas São Paulo.

----- **Empreendedorismo é mito em país que não cria trabalho digno**, diz Sociólogo. Disponibilizado em<<https://nace.com.br/empreendedorismo-e-mito-em-pais-que-nao-cria-trabalho-digno-diz-sociologo-sociologo-098-2019/>>. Acesso em <março de2023.>

ANTUNES, Ricardo & **DRUCK**, Graça. **A Epidemia da Terceirização**. In: Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III. 2014. Boitempo, São Paulo. Disponibilizado em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2649470/mod_resource/content/1/Antunes%20e%20Druck_2015_%20Epidemia%20de%20terceiriza%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em:<jan.2021>.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

BOSCO, Estevão & FERREIRA, Leila Ferreira. Sociedade mundial de risco: teoria, críticas e desafios. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/soc/a/RcnRCjX5WZnqJ7CrdxLQNfh>>. Acesso em <janeiro de 2023>.

CARDOSO, Ana Claudia Moreira e ALMEIDA, Paula Freitas. A essência rebelde do “Breque dos Apps”. 2021. Disponível em <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-essencia-rebelde-do-breque-dos-apps/>>. Acesso em <maio de 2023>.

GUILHON, Maria Virginia Moreira, PEREIRA, Maria Eunice Ferreira Damasceno. Algumas considerações sobre a noção de eficiência nas Políticas Públicas. Rev., Pol., v., nº2, p. 103-125, jan. /jun.2002.

HARVEY, David. Os limites do Capital. Trad.. Magda Lopes; São Paulo, SP: Ed. Boitempo. 2013. Livro On-line. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5577087/mod_resource/content/1/Harvey%20C%201982%20-%20Portugu%C3%AAs.pdf>

LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe: estudo sobre a dialética marxista. Trad. Rodnei Nascimento. Ed. Martins Fontes. SP- 2003.

LIMA, Paulo “Galo”. Precarização e rebeldia na garupa de uma moto. In site Outras Palavras – Trabalho Precariado. 2021. Disponível em <<https://outraspalavras.net/trabalhoeprecariado/precarizacao-rebelidia-na-garupa-de-uma-moto/>>. Acesso em <maio 2023>.

----- **Os novos planos dos entregadores rebelados.** Disponível em <<https://outraspalavras.net/videos/os-novos-planos-dos-entregadores-rebelados/>>. Acesso em <maio de 2023>.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In Obras Escolhidas.vol.1. Editora Alfa-Ômega- São Paulo.

MUSSE, Ricardo. DAVID HARVEY: Para Além de uma Geografia do Capital. Sociologia & antropologia | rio de janeiro, v.04.01: 55 – 69, junho, 2014. <https://www.scielo.br/j/sant/a/yxJM8LRTPLkRSWR4v9xmpxm/?format=pdf&lang=pt>

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



OLIVEIRA, Eveline Nogueira Pinheiro de; **MOITA**, Dimitre Sampaio; **AQUINO**, Cassio Adriano Braz de. **O Empreendedor na Era do Trabalho Precário: relações entre empreendedorismo e precarização laboral.** Rev. psicol. polít. vol.16 no.36 São Paulo maio/ago. 2016. Disponibilizado em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200006>. Acesso em <dez. 2022>

SALGADO, Júlia e BAKKER, Bruna. **“Quando a crise faz o empreendedor”:** desemprego e empreendedorismo no Jornal O Estado de S. Paulo. Contemporânea, Revista de Comunicação e Cultura. UFBA. V.15 nº2 (2017). Disponibilizado em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/17858/15118>>. Acesso em <fevereiro de 2023>

SOLDERA, Lucas Martins. **Entrevista concedida pelo Professor Dr. Ricardo Antunes** (UNICAMP - Campinas-sp), ao Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho - LIST, acerca do tema Trabalho, Política e Ação. 2020. Disponibilizada em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/NNSHcHCCXjkssyLWJVVFswH/?lang=p#>>. Acesso em

PROMOÇÃO



APOIO

